



**8º Encontro Internacional de Política Social**  
**15º Encontro Nacional de Política Social**  
**Tema: Questão social, violência e segurança pública:**  
**desafios e perspectivas**  
**Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020**

---

Mesa coordenada Repensar a crítica da economia política de Marx.

**Poulantzas e a teoria crítica do valor**

**Paulo Henrique Furtado de Araujo<sup>1</sup>**

Poulantzas, nesse livro (1978), constrói um modelo lógico transistórico que tem por arrimo a categoria exploração. Essa, por sua vez, tem por causa explicativa a divisão social entre proprietários e não proprietários, sendo que o autor deduz da forma jurídica da propriedade as classes sociais. De tal maneira, para ele, as classes surgem com as figuras jurídicas do proprietário e do não proprietário. Ele sustenta que um modo de produção, que é uma abstração (segundo explica), coloca, a partir da lógica econômica, as classes sociais e suas ideologias. Para ele, todo modo de produção possui duas classes fundamentais. As outras classes, por ventura existentes, se associam a outros modos de produção não dominantes. A classes social possui um sentimento de classe inato, ainda que este não se manifeste abertamente. O que irá permitir a identificação da classe revolucionária em cada modo de produção.

O autor sustenta que as classes existem na luta de classes e nunca fora dela, logo são relacionais e posicionais. Enfatiza a divisão entre trabalho manual e intelectual e acaba por realizar um grande imbroglío com a contradição entre forças produtivas e relações de produção. Na busca de afirmar seu modelo lógico e transistórico, demonstra total desconhecimento sobre o que é o trabalho (universal/geral) produtor de valores de uso, portanto, de riqueza material, sobre as formas como esse trabalho se manifesta em cada processo de trabalho no interior das várias relações de produção. O que o leva a desconsiderar a especificidade do trabalho determinado por mercadorias, sua função de mediação social e de produzir a riqueza abstrata e a dominação abstrata (que são especificidades da sociedade do capital, assim como o próprio trabalho determinado por mercadorias). Esse conjunto axiomático, tem por corolário que os poderes das classes sociais, associados às relações políticas e ideológicas, são a tradução das relações de produção e daquilo que as constitui: relações de propriedade econômica e de posse.

---

<sup>1</sup> Professor Associado da Faculdade de Economia da UFF, membro do NIEP-MARX-UFF e do GEPOC-UFF.  
E-mail: [phfaraujo@id.uff.br](mailto:phfaraujo@id.uff.br).

Poulantzas insiste que uma sociedade em sua concretude real só comporta mais do que duas classes sociais porque é composta por vários modos e formas de produção. Dessa maneira, toda formação social (lembrando que o autor, em nosso entendimento, se propõe a instaurar uma teoria geral) tem duas classes fundamentais que são dadas pela contradição essencial do modo de produção dominante nesta formação social. O que o autor realiza é uma projeção, do que ele julga ser o existente na sociedade capitalista, para formações sociais pré-capitalistas – um anacronismo típico do marxismo tradicional. Dessa maneira, a história humana tem um dinamismo imanente e uma teleologia operante.

Para além disso, é um contrassenso atribuir ao modo de produção capitalista apenas duas classes fundamentais (segundo o autor burgueses e operários (*ouvrier*)), e tomar as outras classes, que por ventura existam na existência real da formação social, como pertencentes a outros modos de produção que continuam a existir, no interior dessa formação social, como modos de produção subordinados ao principal. Lembramos que Marx em *O Capital*, como visto na primeira seção deste artigo, colocando a lógica do valor como momento causal explicativo ou como categoria que possui prioridade ontológica na elucidação da sociabilidade do capital, explica as classes fundamentais da sociedade capitalista: capitalistas, proletários, proprietários de terra e rentistas. O que elucida a distância de Poulantzas em relação ao pensamento marxiano e as dificuldades em que recai por não compreender adequadamente a teoria crítica do valor de Marx.

A sequência do argumento revela a plenitude de sua limitação. Como o objetivo é a constituição de uma teoria geral marxista para as classes sociais e o Estado, Poulantzas precisa postular que as formações sociais (categorias mais concretas) não são a simples expressão da contradição de um modo de produção. Daí que sustenta que um modo de produção não pode existir e se reproduzir em sua pureza e não pode ser “historicamente periodizado” nessa pureza. Conclui ensinando que: “É a luta de classes nas formações sociais que é o *motor da história*: o processo histórico tem como lugar de existência essas formações” (1978, p. 24). Não é difícil perceber que o autor opera com a lógica formal aqui, vejamos: a estrutura da formação social provoca um efeito na divisão social do trabalho que são as classes sociais. E as classes, que só existem em suas lutas, ao lutarem, produzem a história das formações sociais. Em suma, a estrutura *de qualquer formação social* produz, endogenamente, sua história.

Aqui é preciso destacar a dificuldade do autor na apreensão das categorias “análise” e “abstração”. Haveria, por acaso, análise que não proceda à abstração? Em Marx, as

abstrações são reais, razoáveis. A análise parte da realidade dada e é o separar, o dividir, o decompor, de aspectos dessa realidade. Portanto, ao analisar, tomo uma parte constitutiva do todo existente e abstraindo o todo, evidenciando que analisar é abstrair. Como para Poulantzas os modos e formas de produção não existem em sua pureza (talvez aqui ele se refira à pureza das abstrações, o que implicaria que não se tratam de abstrações reais), ele interdita a apreensão adequada, em termos de Marx, das classes sociais. Nesse ponto é preciso esclarecer que Marx não utiliza deduções para explicar as categorias (que para ele são formas do ser, determinações da existência). Na verdade, ele opera com a retrodução. Mais uma vez, Marx parte do que existe, analisa, ou seja, abstrai, e reconstitui capturando a dinâmica do devir categorialmente posto. Por isso, em *O Capital*, as classes sociais são explicadas em seu nível mais crucial (ou têm por fundamento ontológico) o valor em sua perpétua autoexpansão. Elas não são deduzidas do modo de produção. Ao contrário, uma vez estabelecida a sociabilidade do capital e dissolvidos todos os laços sociais diretos específicos das formações pré-capitalistas, Marx, retrodutivamente, demonstra a determinação das classes sociais a partir do valor. Com isso, a argumentação de Poulantzas já não se sustenta. Postular que um modo de produção não pode se manifestar em sua pureza é absurdo. Revelando que o autor opera com modelos lógicos apriorísticos que podem ser confrontados com a realidade, e modelos que postulem pureza do modo de produção devem ser descartados.

Acompanhando o argumento do autor, ele acrescenta que se as classes sociais não podem ser deduzidas, em suas lutas concretas, de uma análise abstrata (!) elas (as classes) são “afetadas, na sua própria existência, pela luta concreta que se desenvolve no seio da formação social” (1978, p. 24). O autor procura, com isso, reforçar que as classes são determinadas pela luta de classes. E essa, por sua vez, pela estrutura que põe e reproduz a divisão social do trabalho – manual, intelectual etc. Após interditar a abstração e, portanto, a categoria constitutiva do mundo do capital – o valor em expansão –, só lhe resta explicar as classes a partir das estruturas sociais e lutar com a dificuldade em situar o momento causal dessa articulação: estrutura social, classe social e luta de classes. Dessa maneira colapsa as determinações cruciais das classes sociais (o valor) com as sobre determinações “aparenciais” (que constituem a especificidade das classes em cada formação social nacional e em cada contexto histórico da sociedade do capital).

## **Referências**

DUAYER, M.; ARAUJO, P. H. F. Para a crítica da centralidade do trabalho: contribuições de Lukács e Postone. **Revista Em Pauta**, v. 13, p. 15-36, 2015.

LUKÁCS, G. **Para uma Ontologia do Ser Social**. II. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017. 894p.

POSTONE, M. **Tempo, trabalho e dominação social**: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. São Paulo: Boitempo, 2014.

POULANTZAS, N. **As Classes Sociais no Capitalismo de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, 368p.